

EDUCAR ENSINANDO, LENDO E VIVENDO UM MUNDO MELHOR: EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

Ronildo Pereira da Silva¹

Mestrando em Ciências da Educação pelo Instituto Naturalis de Educação Superior.

Instituição de procedência: FACHUCA

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Ronildo Pereira da Silva (2020): “Educar ensinando, lendo e vivendo um mundo melhor: educação transformadora”, Revista de Desarrollo Sustentable, Negocios, Emprendimiento y Educación RILCO DS, n. 3 (enero 2020). En línea:

<https://www.eumed.net/rev/rilcoDS/03/educar-ensinando.html>

<http://hdl.handle.net/20.500.11763/rilcoDS03educar-ensinando>

RESUMO

O ato de educar de há muito é estudado por diversos autores, mas para mim, o trabalho do teórico Carl Ransom Rogers é intrigante, porque evidencia o aspecto humanístico voltado para a educação. Essa conclusão surgiu durante o desenvolvimento de um dos trabalhos no mestrado em Educação, no Instituto Naturalis de Educação Superior, em Gravatá, Estado de Pernambuco, Brasil, na disciplina Educação Contemporânea, quando analisei o artigo “**Teoria Humanista: Carl Rogers e a Educação**”, das autoras Leticia Dayane de Lima, Zildete Carlos Lyra Barbosa e Sandra Patrícia Lamenha Peixoto. Observou-se que as autoras realizaram uma revisão da literatura em psicologia, refletindo as contribuições da teoria humanista de Rogers para a educação, bem como do modelo de facilitação da aprendizagem, intitulada de aprendizagem significativa, e, sua perspectiva da educação inclusiva. Foi desafiador pensar a educação como algo que pode revolucionar as mentes, os corpos, mas sobre tudo a vida. É nessa perspectiva, que

¹Advogado Público Municipal, Professor da Faculdade de Ciências Humanas e Aplicadas do Cabo de Santo Agostinho em Pernambuco, Brasil – FACHUCA.
E-mail: silvaronildo16@gmail.com

se pretende ancorar e defender o presente artigo intitulado: **Educar ensinando, lendo e vivendo um mundo melhor: Educação Transformadora**. Tem-se por objetivo defender aqui que a visão holística da educação, baseada num pensamento humanístico, evidencia que a facilitação do processo ensino aprendizagem compreende o homem de maneira mais simples; digno, permitindo grandes transformações de vidas. A metodologia constituir-se-á em aplicar a socialidade na educação no conceito do processo de ensino aprendizagem, centrado na pessoa, indicando que o ato de educar promove dignidade humana. Assim, esse humanismo imprime uma característica *sui generis*, do comportamento na sala de aula, porque a educação é objeto intrínseco do cenário onde atuam **professor e aluno**. Essa relação quando é posta sem antagonismo, converge para a concretude do processo ensino-aprendizagem numa educação humanizada, facilitada, ou seja, transformadora.

Palavras-chave: Educação. Transformadora. Pensamento. Ensino. Humanístico.

ABSTRACT

The act of educating has long been studied by several authors, but for me, the work of theorist Carl Ransom Rogers is intriguing, because it highlights the humanistic aspect of education. This conclusion emerged during the development of one of the Master's in Education, at the Naturalis Institute of Higher Education, in Gravatá, State of Pernambuco, Brazil, in Contemporary Education, when I analyzed the article "Humanist Theory: Carl Rogers and Education" , of the authors Letícia Dayane de Lima, Zildete Carlos Lyra Barbosa and Sandra Patrícia Lamenha Peixoto. It was observed that the authors performed a review of the literature in psychology, reflecting the contributions of Rogers's humanistic theory to education, as well as the model of learning facilitation, called meaningful learning, and its perspective of inclusive education. It was challenging to think of education as something that can revolutionize minds, bodies, but especially life. It is from this perspective that we intend to anchor and defend the present article entitled: Educate teaching, reading and living a better world: Transforming Education. The objective is to defend here that the holistic view of education, based on humanistic thinking, shows that the facilitation of the process of teaching learning comprehends man in a simpler way; dignified, allowing great transformations of lives. The methodology will be to apply sociality in education in the concept of the process of teaching learning, centered on the person, indicating that the act of educating promotes human dignity. Thus, this humanism implies a *sui generis* characteristic of behavior in the classroom, because education is the intrinsic object of the scenario where teachers and students act. This relationship, when posed without antagonism, converges towards the concreteness of the teaching-learning process in a humanized education, facilitated, that is, transforming.

Keywords: Education. Transformer. Thought. Teaching. Humanistic.

INTRODUÇÃO

A educação é elemento essencial para o desenvolvimento humano. O pensamento humanístico, no cenário da educação, evidencia que a facilitação do processo ensino aprendizagem compreende o homem de maneira mais simples, onde se sobreleva sua dignidade e permite que vidas sejam transformadas, a partir de modelos educativos em que o indivíduo possa descobrir em si mesmo suas potencialidades.

Educar não é tarefa fácil, uma vez que necessita da implementação dos mecanismos apropriados para o processo de ensino-aprendizagem. Notadamente, o processo de ensino aprendizagem se concretiza quando o ato educativo contemporiza o ensino, a leitura e as próprias vivências do indivíduo, permitindo este aplicar na sua própria vida e também no âmbito social o seu aprendizado.

A socialização de práticas inovadoras no processo de ensino-aprendizagem traduz o elemento que propicia a mudança social, acarretando a difusão do conhecimento, a partir da valorização do sujeito.

A busca pela tão esperada transformação social é o fator que provoca a inquietação de onde se origina esse novo olhar da educação com o viés transformador.

Não é em vão dizer que o indivíduo, na atualidade, está a mercê do prognóstico industrial, tornando-se cada vez mais escravo do próprio trabalho, onde o que importa é a mais valia. Não é de se olvidar que o homem é o produto do meio em que vive, todavia, é de se admitir que, mesmo considerando a projeção industrial que acomete o homem no atual cenário sócio-político-econômico, a educação na sua própria essência, quando reflete a atuação prática, a tomada de decisões, é capaz de promover transformação social.

É nesse sentido da dignidade humana que o presente artigo trilhará, mostrando que no palco da educação onde os atores **professor e aluno são peças fundamentais**, o papel do educador não deve se restringir aos métodos tradicionais impostos por um sistema educacional estanque e hermético, mas sobretudo deve enfatizar que o ato de educar ensinando, lendo e vivendo um mundo melhor produz transformação social.

A ênfase à dignidade, sem sombra de dúvidas é um diferencial no cenário educacional. Isso porque o processo de ensino do ponto de vista formal sempre causa alguma resistência, devido às incertezas da vida; ausência de garantias de projeção profissional; o crescente desemprego, a baixa renda, dentre outras circunstâncias ensejadoras do afastamento do processo de ensino.

É a partir disso que surge a necessidade de o professor estimular a aprendizagem por meio de mecanismos facilitadores, ou seja, valorizadores do elemento circunstancial vivido pelo aluno, permitindo que este deixe aflorar o sentimento maior da sua própria identidade, com a possibilidade da transformação.

O sujeito não é dado à questões estanques, pois, se bem aproveitado o conhecimento, há muitos valores a serem desenvolvidos, inclusive permitindo o acontecimento de transformações sociais.

METODOLOGIA

Fundamentalmente utilizou-se como metodologia para o presente artigo a análise de livros, artigos de periódicos e artigos de internet voltados para o estudo da educação, suas nuances e as relações humanas. Num momento secundário, procurou-se perfilar um pequeno ensaio no campo prático vivenciado em sala de aula através da mudança da didática utilizada pelo professor e autor deste artigo e os alunos do curso de direito da Fachuca, como forma de aplicar concretamente parte do arsenal teórico que discute a educação pela educação.

Assim, com a análise das obras e artigos de autores que discutem a educação, e, secundariamente com um pequeno ensaio prático vivenciado em sala de aula é que se ancora o presente trabalho.

O estudo de autores, como Freire, Gadotti, as pesquisas de Lima e outros e a pesquisa de Peres, embasam o presente artigo e a ideia ora perfilada, tendo como reforço a observação vivenciada na própria sala de aula, enquanto professor da disciplina de Direito Civil, do Curso de Direito da Faculdade de Ciências Humanas e Aplicadas do Cabo de Santo Agostinho – FACHUCA.

A IMPORTÂNCIA DAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA NO PROCESSO EDUCATIVO

Autores de renome discutem a educação observando o seu sentido na ordem teórica e prática. Educar é muito mais do que simplesmente traçar um plano e aplicá-lo. É um complexo de ações, atuações, práticas, leituras e releituras dos sujeitos que a ela se submete.

Sabe-se que no contexto educacional há as exigências acadêmicas educacionais que devem ser seguidas, a fim de que o processo de ensino se consolide institucionalmente.

É evidente que a consolidação institucional da educação através das suas variadas estruturas possui grande importância. Aliás, que fique claro no presente artigo que não se quer aqui contradizer o aspecto sistematizado, organizacional e institucional da educação, mas trazer o viés mais humanístico para todas as atuações que envolvem e se conectam com a educação.

A educação é algo que tem de surgir de dentro pra fora. Quando o indivíduo é estimulado a realizar uma releitura do seu próprio “eu”, enquanto ator do processo de ensino aprendizagem, e ao ser direcionado para a realização de atividades pedagógicas que envolvem mais leitura, contextualização prática e tomada de decisões, observa-se que há uma evolução na aprendizagem.

Alcançar bons resultados no processo de ensino aprendizagem, não é fácil, porque envolve dedicação e uma boa absorção do conhecimento, mas, isso não acontece como um passe de mágica, é necessário tempo, e um tempo favorável para que parcela do conhecimento se aprimore até a sua completude.

A educação não é só conhecimento formal, mas também as experiências de vida de cada um. Cada indivíduo, por mais carente que seja da informação formal do conhecimento, carrega em si suas próprias experiências que poderão ser aproveitadas como parte deste conhecimento.

Nesse olhar está aí a se evidenciar o que GADOTTI afirma: A educação é antes de mais nada, ação, práxis, decisão. Assim, falar “sobre” a educação sem esse pressuposto é trair a própria natureza da educação (GADOTTI, 1981, p. 26).

O ato educativo não deve se alijar das atuações do dia-a-dia de cada um, porque é nesse espaço de cotidianidade do sujeito que se perfaz o sentido conceitual da educação. Ora, o papel do educador enquanto um dos responsáveis pelo processo de ensino aprendizagem deve levar em conta que o sujeito objeto desse processo carrega em sua própria identidade a concretude de fases que não podem simplesmente ser esquecidas ou ignoradas. Pois, se durante o processo do ensino se observa que esse sujeito ainda possui um comportamento embrionário do conhecimento, não se pode ignorar que com a prática de métodos mais facilitados da educação, esse mesmo sujeito tem a possibilidade de subsistir às adversidades da vida.

Essa facilitação da aprendizagem, que no ideário de Carl Rogers é tida como aprendizagem significativa (apud LIMA, BARBOSA & PEIXOTO, 2018.) é digna de inquietude, porque o cenário da educação necessita de atuações voltadas para viabilidade de uma aprendizagem facilitadora, devido às imposições dos modelos educacionais demasiadamente competitivos.

No tocante a essa educação facilitadora é de se concordar com Rogers, considerando o fator de dignidade humana. Dentro de uma lógica racional, o indivíduo está inserido num contexto capitalista, com o qual há de se compatibilizar, todavia, não por isso, deve ser alijado do processo educativo, porque não integra uma faixa elitizada da sociedade ou porque com ela não se identifica.

A educação deve se voltar para todos indistintamente, devendo ser vivenciada considerando o próprio modelo de vida de cada um.

Portanto, pode-se entender que a educação facilitadora idealizada por Rogers é algo que tende a acontecer porque não raras vezes o indivíduo é forçado a abandonar o processo de ensino regular que é formado por eixos, disciplinas, normas e outros instrumentos educacionais, para seguir pela sobrevivência. Esse abandono: é um corte que dilacera a própria vida do sujeito; é indigno; é desumano; é sem sentido. Pois, a busca pela sobrevivência atrelada ao abandono do processo de ensino, acaba por sobrepujar a própria existência, na medida em que renuncio o meu próprio “eu”.

Considerando isso, não é demais lembrar o que afirma Moacir Gadotti quando pincela sobre o discurso que se tem acerca da filosofia da educação, ele diz: “Falar de educação é falar de mim mesmo. Eu não posso me abstrair de minha marcha, de minha história, fazendo um discurso, uma tese de filosofia da educação”. (GADOTTI, 1981, p. 27)

Nesse cenário tão evidente de aproximação e de abandono ao mesmo tempo, é que se sedimenta a educação facilitadora. A viabilização desta, torna o indivíduo muito mais próximo do processo de ensino, se no leque de comandos legais estiver presente a prática cotidiana do sujeito que é objeto do processo educativo. Ele se reconhece mais facilmente e surpreende a si mesmo. É um olhar inclusivo do cenário educacional.

Na obra Educação e Poder de Gadotti (1984, p. 86-88), escrita a três décadas e meia, o pedagogo demonstrava indignação ao que chamava de **humanismo idealista**, visto que a lei 5.692/1971 que se propunha a tratar das diretrizes e bases da educação brasileira conjugava esforços para a inserção de um aluno submerso no sistema capitalista, revelando uma ferramenta essencialmente tecnocrática e oposta aos ideais culturais, sociais e políticos, levando o aluno à completa apatia da educação.

A partir disso, o que se quer afirmar é que o indivíduo necessita de um *estímulo real* que o permita reconhecer em si a possibilidade de transformação.

Esse estímulo concatenado de forma livre caracteriza o ato facilitador que permite o sujeito no seu próprio “eu”, transformar-se, delineando empatia, confiança, e singularidade nas decisões.

Observa-se da pesquisa de Lima, Barbosa e Peixoto, *apud*. ZIMRING, que Carl Rogers, na obra **Liberdade para aprender**, relata:

várias pesquisas e vastos estudos realizados com centenas de alunos e professores de escolas primárias e escolas técnicas, onde foram aplicadas em sala de aula estratégias de aprendizagem significativa e experiencial postulada por Carl Rogers com resultados muito positivos que denotam a eficácia do modelo educador – facilitador, quando aplicada de forma holística, envolvendo principalmente a autenticidade, o apreço, a confiança e aceitação.” (LIMA; BARBOSA & PEIXOTO, 2018)

Como contra ponto, mas complementando a ideia esposada no presente artigo, tem-se também, o pensamento de Carl Gustav Jung, apresentado no artigo de PERES (2009), intitulado ‘Relação Aluno-Professor: uma resposta Junguiana. O artigo enfoca a relação educador-educando e o fenômeno ensino-aprendizagem. Nele o autor questiona “qual o fator principal para que se dê o ensino-aprendizagem – se a relação humana contribui de algum modo na construção do referido processo – ou se os métodos pedagógico-didáticos são suficientes?” Ao responder os questionamentos, o autor utilizou como objeto de análise a letra da música “O Caderno”, do compositor brasileiro Antonio Pecci Filho, cujo nome artístico é Toquinho.

De acordo com PERES (2009), a letra da música ‘expressa a presença de educação, representada no caderno, como recurso didático de anotações das diversas fases da vida humana’, e que a educação é ‘prazer’, suscitando que o prazer, indicaria ‘um dos grandes desafios que a ciência da pedagogia teria a sua frente’. A projeção objetivada na análise da letra da música

acima referida, de acordo com PERES (2009), reflete que **o relacionamento humano** reforçado pela amizade com outros compositores e instrumentistas foi a peça chave para o aprendizado de violão do renomado compositor brasileiro. Entretanto, ainda é de realce o seguinte:

(...) quando se trata, principalmente de amizade, uma diferenciação precisa ser feita entre o ambiente escolar e doméstico que educandos e educadores têm a respeito de si mesmos e de suas responsabilidades no processo de aprendizagem. Porém, ambos trazem para o âmbito da educação suas próprias experiências de vida, seus valores pessoais, seus limites como sujeitos a partir da relação de cada um consigo mesmo, isto é, com a realidade de cada um". (...) Nisto se dá o vínculo emocional e deste nasce a realidade social, política e pedagógica. (PERES, 2009)

A partir disso, percebe-se que a relação simbiótica entre a educação e o sujeito da relação humana representa um dado significativo de transformação.

O ponto de partida da ideia estruturada por PERES (2009), é o seguinte pensamento de JUNG (1983, 60):

Desde que o relacionamento pessoal entre aluno e o professor seja bom, pouca importância terá se o método didático corresponde ou não às exigências mais modernas. O êxito do ensino não depende do método. De acordo com a verdadeira finalidade da escola, o mais importante não é abarrotar de conhecimento, mas sim contribuir para que os alunos se tornem adultos de verdade. O que importa não é o grau de saber com que o aluno termine o curso, mas se a escola conseguiu libertar ou não o aluno, como ser humano consciente de si próprio. Sem essa consciência de si mesmo, a pessoa jamais saberá o que deseja de verdade e continuará sempre na dependência de terceiros e apenas procurará imitar os outros, experimentando o sentimento de estar desconhecida e oprimida pelos outros (apud, PERES, 2009).

Considerando isso, PERES (2009) afirma que a relação educador-educando é uma relação arquetípica, e, de acordo com JUNG (apud, SHARP, 1996, pp. 28-29):

Arquétipos são sistemas de prontidão para a ação e, ao mesmo tempo, imagens e emoções. São herdados junto com a estrutura cerebral – constituem, de fato, o seu aspecto psíquico (...) São, por definição, fatores e motivos que ordenam os elementos psíquicos em determinadas imagens, caracterizadas como arquetípicas, mas de modo que podem ser reconhecidas somente pelos efeitos que produzem.

Como visto, os teóricos, aqui demonstrados, em suas estruturantes pesquisas, mesmo considerando o enfoque específico de cada uma delas têm em voga a própria pessoa, como o elemento principal da educação. Ora, inexistindo a pessoa, para quem levaríamos a educação?

O que se quer afirmar é que o ato educativo tem de ser compreendido em duas partes, como um todo e inseparável: **o professor e o aluno**; como elementos de transformação.

A EDUCAÇÃO PELO VIÉS DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Educar deve se apresentar não como um ato complexo que é, mas sim dentro dessa complexidade possibilitar que o indivíduo seja capaz a partir de leituras, releituras e experiências de vida, em consolidar a aprendizagem de maneira mais simples e singular do conhecimento.

Essa singularidade como sinônimo de um processo de ensino humanizado é a ponte para a transformação social, porque o aluno que é o sujeito objeto da relação de ensino-aprendizagem passa a se reconhecer como parte da sociedade em que vive, começa a enxergar possibilidades e efetivando-as, melhora sua qualidade de vida.

Nesse universo do ensino significativo e não-diretivo proposto por ROGERS (apud Lima, Barbosa & Peixoto, 2018) discute-se a possibilidade de o ambiente onde acontece o processo de aprendizagem ser favorável, sobretudo para que o ambiente integrativo da educação onde a relação entre professor e aluno se completam, na medida em que a aprendizagem se dá de forma concreta, íntegra e transparente.

Para Lima, Barbosa & Peixoto (2018), essa original integração se consolida “quando o aluno entende que sua experiência é assimilada pelo outro”, desse modo, pode-se dizer então, que nessa troca de papéis, onde um se coloca em lugar do outro vem à tona uma aprendizagem “efetiva e concreta”, sendo isso, portanto, a tônica dessa integratividade entre o professor e o aluno.

Com isso, é necessário hibridizar no âmbito da educação elementos práticos e teóricos, onde sejam consideradas as experiências de vida do educador e do educando, evidenciando uma valorização da dignidade humana, talvez assim, possa-se dizer que a educação enfrentando face a face os seus próprios desafios, abra espaço para propostas inovadoras da educação onde o mais importante seja permitir que o sujeito seja capaz de gerar transformação social.

Nessa linha, em que devem ser consideradas as experiências do educando FREIRE (2013, p. 58-59), ao se reportar a autonomia do educando diz que:

(...) O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de *transgressão*.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais ténue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente à experiência formadora do educando, transgredir os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.

Notadamente, é de se ver que no arsenal da educação não se pode deixar de lado a possibilidade de estimular o aluno a ir em busca de novos horizontes, a partir de suas vivências, pois isso lhes é intrínseco. Como poderia esse indivíduo apagar as experiências vividas e se tornar um indivíduo melhor? Logo, a transformação de que se espera, perpassa por essa transgressão mostrada por FREIRE (2013), a condução de um novo limiar de possibilidades tangencia a própria condição de ser humano que é, ou seja, capaz de autodeterminar-se, enfrentar os desafios e apontar para novas direções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da educação a partir dos diversos contextos aqui trazidos, nos proporciona uma perspectiva de fé e esperança de viver num mundo melhor.

Essa experiência será marcante porque trata-se de uma busca cotidiana de cada um de nós. Nesse particular o desejo de melhorar a aprendizagem no contexto educacional é que se despertou, a partir da visão humanística defendida por Carl Rogers, a presente inquietação de adotar no ato de educar um conceito mais humano, mais digno, favorável e real da própria vivência do aluno para quem se ensina.

No universo da educação surgem variadas dificuldades enfrentadas pelos alunos e nesse momento a falta de sensibilidade de um professor para entender tais questões pode quebrar por completo o processo de ensino, tangenciando o afastamento desse aluno da busca maior da sua vida, que é integrar-se na sociedade de forma digna.

Durante a pesquisa, na análise das várias visões sobre a educação, observou-se a fragilidade do ser humano, que muitas vezes é ignorado na sua própria trajetória educacional. Sendo assim, o ato de educar deve voltar-se para um processo de aprendizagem digno, humanizado, numa perspectiva facilitada para o alcance da transformação social.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GADOTTI, Moacir. **A Educação contra a educação.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LIMA, Letícia Dayane de; BARBOSA, Zildete Carlos Lyra; PEIXOTO, Sandra Patrícia Lamenha. **Teoria Humanista: Carl Rogers e a Educação.** Ciências Humanas e Sociais, Alagoas, v. 4, n. 3, p. 161-17, maio 2018.

PERES, Silvio Lopes. **Relação aluno-professor: uma proposta junguiana.** Revista Científica Eletrônica de Psicologia, ano VII, n. 13, nov. 2009.